

## Corpo e cotidiano: a experiência das mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina\*

*Luiza Etsuko Tomita\*\**

### RESUMO

Análise da experiência de mulheres de movimentos populares da periferia de São Paulo, assim como de dois temas que saem dessa experiência: corpo e cotidiano. Os limites da Teologia da Libertação latino-americana para apoiar as conquistas das mulheres de comunidades eclesiais de base no início da década de 80 do século passado. A participação de grupos feministas na educação das mulheres das periferias urbanas com relação à saúde da mulher e aos direitos reprodutivos. As propostas da Teologia Feminista da Libertação como uma reflexão que visa a emancipação e o empoderamento das mulheres, e no caso em análise, a partir do enfoque sobre o corpo e o cotidiano.

*Palavras-chave:* experiência de mulheres, corpo, sexualidade, cotidiano, emancipação, teologia feminista da libertação.

### ABSTRACT

Analysis of the experience of popular women from the periphery of São Paulo, as well as the analysis of two issues that come out from this experience: body and daily life. The difficulties of the Latin American Liberation Theology to support the conquests of the Ecclesial Base Community's women in the beginning of the 80<sup>th</sup> decade of last century. The participation of feminist groups in the education of women from urban peripheries with respect to women's health and reproductive rights. The Feminist Liberation Theology's proposals as a reflection directed to women's liberation and empowerment and, in the present case, from the perspective of body and daily life.

*Keywords:* women's experience, body, sexuality, quotidian, emancipation, feminist liberation theology.

Este trabalho foi o resultado de inúmeras questões, dúvidas, desafios que nos tem perseguido ao longo de muitos anos em que nos perguntávamos sobre o lugar das mulheres na Igreja, em especial na Igreja Católica. A Teologia da Libertação, embora atraente sob vários aspectos, não conseguiu dar-nos as respostas que buscávamos. O encontro com a Teologia Feminista, em particular a Teologia Feminista da Libertação, entretanto, apresentou-nos a possibilidade de utilizar outros referenciais teóricos para responder às nossas inquietações. Nossa preocupação sobre a realidade das mulheres da América Latina permitiu-nos verificar que sua experiência não havia sido suficientemente refletida. A situação de pobreza crescente das mulheres, conhecida como a "feminização da pobreza", a violência sexual e doméstica, a exclusão de lugares de decisão na Igreja, configuram-se como questões graves em nosso continente e que merecem uma especial atenção de nossa parte, as teólogas.

A Teologia da Libertação latino-americana fez uma opção pelos pobres, mas falhou ao não fazer

\* Tese doutoral defendida por Luiza Etsuko Tomita em junho de 2004 na Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da profa. dra. Lieve Troch

\*\* É doutora na área de Teologia e História na Universidade Metodista de São Paulo – Unesp, mestra em Estudos Bíblicos (Pontifícia Faculdade N.S. Assunção); membro do Netmal (Núcleo de Estudos da Mulher na América Latina); membro da Amzol (Associação de Mulheres da Zona Leste); e coordenadora teológica da Asset (Associação de Teólogos do Terceiro Mundo) para a América Latina.

uma opção pelas mulheres empobrecidas. Partilhando dos mesmos anseios por justiça social veiculados pela Teologia da Libertação, pode-se verificar que o discurso dos teólogos da libertação não têm incluído a luta contra a opressão das mulheres em sua práxis. Entretanto, a feminização da pobreza, os altos índices de violência sexual e doméstica contra as mulheres, a sua exclusão das instâncias de decisão na Igreja, têm desafiado as teólogas a refletir teologicamente sobre a experiência de opressão das mulheres na América Latina. Notamos, contudo, que existem lacunas e contradições nessa reflexão, a partir da própria compreensão do que é uma reflexão teológica feita por mulheres. Algumas teólogas preferiram chamar sua elaboração de "*teologia na ótica da mulher*" ou "*na perspectiva da mulher*", enquanto outras preferiram chamar de "*teologia na perspectiva de gênero*". Estas contradições pouco têm ajudado a mudar a situação de pobreza e exclusão das mulheres na América Latina. Tampouco têm contribuído efetivamente para o empoderamento das mulheres na Igreja. Fazer teologia *na perspectiva da mulher* supõe que mulheres e homens façam teologia de formas diferentes devido a uma essência diferente.

Teólogas feministas, como Maria Pilar Aquino e Marcella Althaus-Rheid têm argumentado contra o essencialismo, por este esconder que as relações assimétricas entre os gêneros são construções sociais e que, neste sentido, não servem para a desconstrução de estereótipos que promovem a subordinação das mulheres (Aquino: 1996, 188 – 189; Althaus-Rheid 2000, 35-36). Aliás, é sobre o essencialismo que se fundamentam as diferenças de posição entre mulheres e homens na Igreja Católica, que atinge o seu grau máximo na exclusão das mulheres à ordenação presbiteral.

Neste sentido, nossa primeira busca foi procurar métodos que não apenas visibilizassem a situação sócio-política secundária das mulheres, mas que apontassem para a sua superação, na busca de contribuir para modificar qualitativamente a vida das mulheres. Percebemos que al-

gumas teólogas estavam desenvolvendo métodos neste sentido, sendo que algumas, por este motivo, utilizavam a denominação Teologia Feminista da Libertação. Pensamos, assim, utilizar a contribuição dessas teólogas, adaptando seus métodos à realidade das mulheres de nosso continente, incorporando também teorias de estudiosas feministas latino-americanas de outras áreas das Ciências Humanas. Também utilizamo-nos da reflexão de teólogas latino-americanas que têm procurado incorporar as teorias feministas na análise que fazem da experiência das mulheres em contextos específicos de sua realidade. Entre elas destacam-se o trabalho das teólogas Maria Pilar Aquino (mexicana), Ada Maria Isasi-Días (cubana) e Marcella Althaus-Rheid (argentina).

A experiência das mulheres tem merecido destaque como ponto de partida da reflexão das teólogas feministas. Desta forma, perguntamo-nos: qual é a experiência das mulheres em nosso contexto de Brasil? Tendo em vista nossa preocupação inicial em relação à situação de pobreza de nossas mulheres, nossa escolha foi dirigida para as mulheres de nossas periferias urbanas, em particular da cidade de São Paulo. E aqui a realidade das mulheres de movimentos populares ligados à Igreja, às Comunidades Eclesiais de Base, pareceu-nos particularmente instigante. Tendo trabalhado desde os anos 80 do século passado com mulheres de CEBs, pudemos perceber que lamentavelmente pouca coisa mudou para elas, no que se refere à sua situação dentro da Igreja. Entretanto, no que se refere às conquistas no âmbito político, muita coisa pode ser dita, especialmente para os grupos que foram se desligando da Igreja para adquirir uma situação de autonomia.

Percebemos que a Teologia da Libertação, embora contextualizada na experiência dos pobres, revela ter dificuldades em lidar com as questões mais concretas da vida como o corpo, a sexualidade, as questões do cotidiano. O corpo e o cotidiano são lacunas na reflexão teológica latino-americana provavelmente porque não foram considerados lugares de poder ou de resistência. A Teologia

da Libertação parte do pressuposto de que, diante de um continente espoliado, as lutas por justiça social devem combater prioritariamente as desigualdades sócio-econômicas. Desta forma, todos os problemas ligados à exclusão social, à violência contra as mulheres, estariam submetidas às questões econômicas originadas na dominação dos países pobres pelos países ricos. Assim, o corpo e o cotidiano seriam considerados elementos secundários nas análises sócio-políticas. O corpo tem sido rejeitado porque considerado inferior ao espírito, na construção do binômio corpo/espírito. Quanto ao cotidiano, tem sido desconsiderado porque identificado com os fatos da esfera doméstica, normalmente atribuída à mulher. Entretanto, filósofos e teóricas feministas estão elaborando teorias que contradizem essas proposições.

O objetivo de nosso trabalho foi focar teologicamente a experiência das mulheres populares, analisando as categorias do corpo e do cotidiano, a partir do instrumental analítico de uma Teologia Feminista da Libertação. Partimos da hipótese de que uma reflexão teológica feminista sobre a experiência de opressão das mulheres na América Latina pode revelar categorias importantes – como o corpo e o cotidiano – como centrais para uma teologia que pretende apoiar a busca de autonomia e o empoderamento das mulheres, em especial a das mulheres de setores populares. Nossa opção metodológica prende-se ao fato de entender que um instrumental de análise feminista possibilita a revelação não só das relações assimétricas entre mulheres e homens, mas também a forma como as estruturas patriarcais produzem a pobreza e a violência contra as mulheres. Nossa suspeita, ao analisar as categorias de corpo e cotidiano era de que estas poderiam dar concretude a essa experiência, esclarecendo-nos sobre as dificuldades reais, os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas por essas mulheres.

Nossa compreensão é de que uma metodologia feminista parte do princípio que o feminismo opõe-se ao sexismo em todas as suas formas, mas também a outras formas de discriminação e dominação, como postula a teóloga Elisabeth

Schüssler Fiorenza (1998, 40). Desta forma, uma análise feminista tende a incluir as conexões entre gênero, raça, classe, idade, orientação sexual e outras caracterizações particulares que podem ser a base de discriminação e desigualdades sociais. As teorias feministas, de forma geral, incorporam um compromisso metodológico de manter um foco prioritário sobre a experiência das mulheres. Portanto, quando nos referimos, neste trabalho, a um instrumental feminista de análise, queremos indicar um instrumental que se utiliza de várias categorias de análise – gênero, classe, raça, orientação sexual – ao mesmo tempo e de forma articulada, para revelar as várias formas de discriminação social.

Cabe agora explicitar o que entendemos por Teologia Feminista da Libertação, que tem a ver com a metodologia utilizada em nossa reflexão teológica. Para teólogas de origem latino-americana, como Maria Pilar Aquino, Elsa Tamez, Marcella Althaus-Rheid, essa denominação seria uma continuidade da Teologia da Libertação, tendo sua origem nela. Já teólogas de língua inglesa, como Elisabeth Schüssler Fiorenza, entre outras, utilizam essa denominação sem identificar sua metodologia com a da Teologia da Libertação. Schüssler Fiorenza, ao enfatizar as experiências das mulheres que lutam por se libertar de um patriarcado sistêmico, procura articular uma visão alternativa de libertação (Schüssler Fiorenza 1984, 6). Para ela, uma nota distintiva da abordagem feminista, é *buscar refletir teologicamente sobre a alienação, a dor e a opressão das mulheres católicas que, a despeito da desesperança, aceitaram compartilhar da sorte do povo de Deus e consideram-se feministas cristãs*. A esta abordagem ela dá o nome de “Teologia Crítica da Libertação” (Schüssler Fiorenza: 1995, 157). Ela afirma que a ênfase na libertação quer mostrar que sua teologia é comprometida, e não um estudo neutro. Seu objetivo é o empoderamento das mulheres. Ela vê seu trabalho como uma contribuição para superar a opressão e a exclusão das mulheres das posições de decisão e autoridade nas instituições religiosas (Schüssler Fiorenza, 1998, 47).

As teólogas latino-americanas têm posições divergentes quanto à ligação da Teologia Feminista com a Teologia da Libertação latino-americana. Maria Pilar Aquino utiliza a denominação "*Teologia Feminista Latino-Americana*" (Aquino: 1998) para a sua elaboração teológica. Ela afirma que foi o diálogo entre teólogos da libertação e os movimentos feministas que resultou na Teologia Feminista da Libertação, em suas diferentes expressões ao redor do planeta (Aquino: 1998: 90). Elsa Tamez afirma que a Teologia Feminista da Libertação na América Latina é assim denominada porque tem origem na e com a Teologia da Libertação e, assim, teria abraçado o seu método. (Tamez: 1996, 11). Podemos perceber, nestas conceituações, que existe uma continuidade entre a Teologia Feminista da Libertação e a Teologia da Libertação, no que se refere à origem e ao método. Em Althaus-Rheid, contudo, vemos que existe uma ruptura epistemológica, por ela criticar o essencialismo no discurso dos teólogos. Esta autora propõe, portanto, uma continuidade – pela origem – e uma ruptura no que se refere à epistemologia – (Althaus-Rheid: 2000, 5-6).

Nós, particularmente, optamos pela denominação "*Teologia Feminista da Libertação*" e não "*Teologia Feminista latino-americana*", porque nos identificamos prioritariamente com os movimentos de libertação das mulheres. Acreditamos que existe uma continuidade no que se refere à origem, mas existe também uma ruptura em relação às teologias da libertação androcêntricas, pela diferença do instrumental sócio-analítico utilizado. Os teólogos da libertação consideram prioritariamente as desigualdades econômicas para as várias formas de opressão. Desta forma, acreditam que a libertação das mulheres se dará quando as desigualdades econômicas forem resolvidas. Para nós, a especificidade da Teologia Feminista da Libertação consiste em utilizar um instrumental feminista na análise da opressão social, ao mesmo tempo em que ela faz uma adesão ao movimento feminista para reivindicar a libertação e o empoderamento das mulheres. Neste sentido, teoria e *práxis* articulam-se firmemente para atingir o seu

objetivo. Dispensamos a denominação "latino-americana", pois ela pode ser acrescentada quando julgarmos necessário este esclarecimento. Porém, do ponto de vista metodológico, em relação ao instrumental de análise, julgamos que ela pouco esclarece, sendo, portanto, dispensável.

A seleção de um grupo específico de mulheres recaiu sobre a AMZOL, uma associação de mulheres da Zona Leste de São Paulo. Tendo se constituído oficialmente a partir de 1987, trata-se de um grupo de mulheres de Comunidades de Base com uma atuação antiga na região. Sua história confunde-se com a luta política das CEBs assim como com a luta feminista na zona leste. Nós a consideramos um grupo exemplar.

Passaremos a uma breve síntese dos quatro capítulos deste trabalho, procurando explicitar não só o conteúdo, as hipóteses e o objetivo de cada um dos capítulos, mas também a articulação interna entre eles.

O primeiro capítulo: procurou analisar a experiência das mulheres das Comunidades Eclesiais de Base na Igreja Popular, focalizando particularmente a experiência das mulheres da Amzol. Para entender esta experiência, analisamos a trajetória das mulheres nas CEBs e nos Clubes de Mães, o processo de sua conscientização política e feminista, suas conquistas e os conflitos com a Igreja Popular, até o momento em que decidem se organizar em grupos ou associações autônomas. Partimos do princípio de que a Teologia da Libertação surgida nos anos 70 do século passado forneceu o fundamento teórico para a Igreja dos Pobres que, por sua vez, foi responsável pelo surgimento das CEBs. Mulheres acorreram em grande número ao chamado das CEBs, chegando a perfazer mais de 90% de seus integrantes<sup>1</sup>, em alguns casos. Clubes de Mães foram criados como estratégia para envolver as mulheres em sua nova missão pastoral. O discurso da Teologia da Libertação, por meio das CEBs, conseguiu

1. Número estimativo das participantes de Grupos de Rua na Paróquia Santo Antônio, na região leste de São Paulo (São Miguel Paulista), obtido por meio de uma pesquisa informal, no ano de 1986 e que aparece na cartilha: Aos Animadores dos Grupos de Rua: 1986

uma grande mobilização de mulheres para as lutas sociais, pela terra, pela moradia, pelas creches, pela melhoria das condições nos bairros. Entretanto, verificou-se que, quando as mulheres começaram a discutir sobre questões ligadas às reivindicações feministas, como os direitos reprodutivos, a violência doméstica, conflitos aconteceram entre elas e o clero da Igreja. Alguns grupos de mulheres se afastaram da Igreja e criaram grupos ou associações autônomas de mulheres, apoiadas por organizações feministas. O discurso da Teologia da Libertação falhou, desta forma, em fazer uma opção pelas mulheres.

No Brasil, a ação do movimento feminista foi decisiva na conscientização de grupos populares de mulheres sobre seus direitos sexuais e reprodutivos e sobre a busca da cidadania. Parte do movimento feminista na América Latina dedicou-se ao trabalho com as mulheres pobres, tendo em vista o índice crescente de feminização da pobreza, assim como os altos índices de violência doméstica e de mortalidade materna. Nossa militância permite-nos afirmar que, de um modo geral, na América Latina, o movimento feminista tem se ampliado para as periferias, conquistando os grupos e associações populares de mulheres.

No segundo capítulo tratamos sobre o tema do cotidiano. Nossa hipótese era de que esta análise nos possibilitaria mostrar que o cotidiano não se refere apenas ao "privado", mas também ao público, pois é *locus* de transformações sociais. Nosso objetivo neste capítulo foi desmascarar as construções estereotipadas que têm afirmado a subordinação das mulheres. Primeiramente buscamos conhecer a elaboração teórica de dois filósofos contemporâneos, o francês Michel de Certeau e a filósofa húngara Agnes Heller. Estas teorias sobre o cotidiano são consideradas prototípicas e nos mostraram a importância do cotidiano enquanto categoria analítica para revelar a ação e resistência dos grupos marginalizados da sociedade e a construção da ética na história. A seguir, trabalhamos com as teorias feministas que têm mostrado os avanços na elabora-

ção de formulações sobre o cotidiano. Elas enfocam principalmente a desconstrução de binômios dicotômicos como público/privado, natureza/cultura, assim como a desconstrução da divisão sexual do trabalho. Estas desconstruções permitiram desmistificar os estereótipos que têm reproduzido a situação de subordinação das mulheres. Por fim, enfocamos a análise das teólogas latino-americanas Maria Pilar Aquino e Ada Maria Isasi-Díaz sobre o cotidiano. Elas nos revelaram métodos para elaborar uma teologia feminista a partir da experiência de mulheres latino-americanas, colocando o cotidiano no centro de sua reflexão. Estas teólogas, ao desenvolverem seu método, procuraram superar a opressão das mulheres, promovendo o seu empoderamento na sociedade e na Igreja.

O terceiro capítulo analisou a construção social do corpo a partir do binômio corpo e espírito. Nossa hipótese era de que a sujeição do corpo ao espírito, assim como a identificação das mulheres com o corpo é uma construção social. Nosso objetivo foi o de mostrar que vários mitos foram construídos sobre o corpo das mulheres para reforçar a sua subordinação sócio-cultural. Desta forma, começamos mostrando a repressão do corpo pelo ascetismo e as teorias patrísticas que definiram a sexualidade como pecado. A deserotização do corpo pelas filosofias de Descartes e Kant foi analisada como um fenômeno colado ao advento da revolução industrial. O corpo teria passado a ser manipulado e controlado por disciplinas que visavam criar "corpos dóceis", de acordo com as teorias de Foucault e reafirmadas por teóricas feministas. Estas mostraram que essas disciplinas são principalmente aplicáveis ao corpo das mulheres, para reforçar sua posição sócio-cultural secundária. A violência sexual e doméstica foi analisada como uma construção patriarcal para a dominação das mulheres, apoiada pelos ensinamentos religiosos de obediência e submissão. A construção de mitos contemporâneos – como o "mito da beleza" – para controlar o corpo das mulheres foi mostrado

como um processo de reação às conquistas feministas da segunda metade do século passado.

O quarto capítulo retomou o tema analisado no primeiro capítulo para mostrar as causas epistemológicas dos limites do discurso da Teologia da Libertação em apoiar as lutas das mulheres por seus direitos. Nossa hipótese era de que o discurso dos teólogos da libertação baseava-se num essencialismo que os impedia de compreender as causas reais da opressão das mulheres enquanto construção social. Assim, nosso objetivo foi o de mostrar que a Teologia Feminista da Libertação, utilizando um instrumental feminista, é capaz não só de desmistificar a identidade subordinada das mulheres, mas também de revelar que a experiência das mulheres latino-americanas é uma experiência de resistência e de revolução. Iniciamos mostrando por que o discurso da Teologia da Libertação invisibilizou as mulheres. Para tanto, foram analisados discursos de alguns teólogos da libertação que escreveram sobre as mulheres e sua opressão. Escritos sobre sexualidade e direitos reprodutivos também foram examinados para tentar entender as causas das dificuldades dos teólogos em debater sobre esses temas. A seguir, mostramos quais as contribuições das teóricas feministas sobre o tema dos direitos reprodutivos e o aborto como direitos integrais das mulheres. Retomamos, a seguir, os debates sobre o cotidiano, para contextualizá-los na realidade de nossas periferias. Neste contexto, a análise de poesias de Maria Miguel nos permitiu encontrar, pelo vocabulário e pelas palavras de ordem da Teologia da Libertação, os graus de conscientização que este discurso logrou alcançar. Retomamos também os debates sobre o corpo, agora direcionados à construção de uma teologia do corpo e do erótico e de uma espiritualidade feminista. Vimos que símbolos alternativos do sagrado são propostos para permitir sua ressignificação na experiência das mulheres. Analisamos, por fim, as propostas de duas teólogas latino-americanas – Maria Pilar Aquino e Marcella Althaus-Rheid – para a elaboração de uma teologia do cotidiano e do corpo.

Foi dado destaque à *Teologia Indecente* elaborada por Althaus-Rheid, como uma forma de desvelar as articulações econômicas e políticas nas construções sexuais da teologia latino-americana. Esta reflexão teológica revelou também as implicações políticas que têm discriminado a homossexualidade como uma anomalia ou um desvio sexual. A proposta deste quarto capítulo foi de tentar mostrar que a Teologia Feminista da Libertação tem um melhor instrumental analítico que a Teologia da Libertação para a análise da experiência das mulheres, de forma a revelar categorias importantes, como o corpo e o cotidiano. Deste modo, procuramos mostrar que a Teologia Feminista da Libertação é capaz de contribuir para apoiar a busca de autonomia e empoderamento das mulheres, em especial das mulheres de setores populares.

Ao concluir, queremos fazer alguns comentários sobre o nosso percurso. Embora nossa opção metodológica de analisar duas categorias importantes como o corpo e o cotidiano para a análise da experiência das mulheres tenha se revelado interessante e necessária, ao final, mostrou-se como um obstáculo. À medida que a pesquisa avançava, fomos percebendo que se tratavam de duas categorias muito amplas e que mereciam ser tratadas com maiores detalhes e aprofundamento. Teologizar sobre essas duas categorias aplicadas à experiência de mulheres populares mostrou-se uma tarefa que deverá ser feita por partes, dentro de um processo de madura reflexão. Por esta razão, as questões foram colocadas, mas não suficientemente teologizadas.

Percebemos no discurso de algumas mulheres a ligação entre o discurso da Teologia da Libertação e o discurso feminista. Isto nos permite afirmar que existe uma continuidade entre esses discursos, no que se refere à origem e à opção na luta contra as injustiças sociais. Entretanto, percebemos que existe uma ruptura em relação ao método por não haver um enfoque de gênero, por parte da Teologia da Libertação. Ao contrário, a Teologia Feminista da Libertação faz uma clara

opção em refletir sobre a experiência das mulheres utilizando várias categorias de análise, além de classe social, como gênero, etnia, orientação sexual e outras.

Creemos que desafios restam. Percebemos que as lutas pelas reivindicações feministas são árduas e apresentam ciladas ao longo do caminho. Reações dos mais diversos tipos são engendradas para combater as conquistas das mulheres, como vimos pelos mitos, como o *Mito da Beleza*. Na Igreja, o feminismo continua a ser visto como um movimento liberal do Primeiro Mundo, que nada tem a ver com as lutas das mulheres por seus direitos. Antes, é declarado ameaçador para a manutenção da família nuclear, como o afirma o mais recente documento do Vaticano (31.07.04), assinado pelo cardeal Joseph Ratzinger, agora Papa Bento XVI: *Sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*. Desta forma, cremos que um de nossos maiores desafios, no que se refere à reflexão teológica, encontra-se exatamente no debate de temas excluídos da reflexão teológica androcêntrica. E, neste sentido, o desenvolvimento de uma Ética Sexual Libertadora é uma tarefa urgente para teólogas e teólogos que queiram refletir sobre temas instigantes da atualidade. Também acreditamos que o debate sobre o método da Teologia Feminista da Libertação na América Latina deverá ser aprofundado, levando em conta a experiência contextualizada das mulheres. E, neste sentido, temos claro também que apenas indicamos algumas pistas para serem refletidas sob o ponto de vista étnico, ao mostrar que a cor e a cultura são fatores determinantes para um tipo específico de opressão sobre as mulheres.

Ao terminar esta apresentação, tendo em vista os equívocos na interpretação do que é o feminismo, gostaríamos de citar o pensamento da socióloga Sandra Harding:

Eu realmente penso, entretanto, que o feminismo "só para mulheres" é um luxo ao qual feministas do sexo feminino não podem se dar e nunca desejaram. Afinal, queremos transformar o mundo – não somente as mulheres Sandra Harding (1991)<sup>2</sup>.

### Bibliografia

- ALTHAUS-RHEID, Marcella. *Indecent Theology. Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*. London: Routledge, 2000.
- AQUINO, Maria Pilar. *Nosso Clamor pela Vida. Teologia Latino-americana a partir da Perspectiva da Mulher*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- \_\_\_\_\_. Latin American Feminist Theology. In: *Journal Of Feminist Studies In Religion*. Vol. 14, nº 1, 1998, p. 89-107.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Bread not Stone. The Challenge of Feminist Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Discipulado de Iguais: uma Ekklesia-logia Feminista Crítica da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sharing her Word. Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998.
- TAMEZ, Elsa. Cultural Violence against Women in Latin América. In: MANANZAN, Mary John et al. *Women resisting Violence. Spirituality for Life*. Maryknoll: Orbis Books, 1996, p. 11-19.

2. Citado no artigo As aventuras do Movimento Feminista no caminho para o Cairo, assinado por Sônia CORREA et al., in ESTUDOS FEMINISTAS Vol. 2, nº 3/94 CIEC/ECO/UFRJ, p. 154.